

Resenha

AS VISÕES DESENCANTADAS

Prof. Dr. Gilberto Pinheiro PASSOS¹

ALMEIDA, Milene Suzano de. Humanismo satírico em Lima Barreto e Anatole France. 2013. 256f. Tese. (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Não há dúvida de que os aficionados das relações Brasil-França sempre têm muito a aprender com teses como a de Milene Suzano de Almeida. É com trabalhos como o seu que se vai mapeando a presença francesa no Brasil, tarefa hercúlea, tendo em vista o fato de que aquele país funcionou como uma espécie de pátria dos literatos, ao longo do século XIX, sobretudo para brasileiros.

Tal ordem de considerações tornada lugar comum da crítica se ressentia de dados mais precisos, isto é, de pesquisas pontuais, que pudessem aprofundar e tornar mais complexa a percepção do fenômeno. Com essa orientação, o projeto Léryy-Assu (orientado por Leyla Perrone-Moisés, desde 1978), passando pelo Núcleo de Pesquisa Brasil-França, situado no IEA (também sob a direção inicial de Leyla), vários pesquisadores se debruçaram sobre a recepção francesa no Brasil e, hoje, já há uma soma considerável de teses e livros que desvendam alguns dos in-

¹ Professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-FFLCH, da Universidade de São Paulo-USP.

trincados meandros da adequação de ideias e projetos literários com origem na França que vingariam, de maneira particular, no Brasil.

Orientada por Regina Salgado Campos, atual coordenadora do grupo do IEA, Milene busca tratar de dois autores de envergadura, em seus sistemas literários: Lima Barreto (1881-1922) e Anatole France (1844-1924), verdadeiro ícone da vida cultural francesa da época e ganhador do prêmio Nobel de 1921. Nunca é demais lembrar que ambos escreveram – sobretudo – em momento histórico privilegiado, no campo das relações culturais entre o Brasil e a França, a chamada *Belle Époque*, que vai, grosso modo, do decênio final do século XIX até a primeira grande guerra (1914-1918).

Basicamente, o tema da tese se prende à figura do herói intelectual e sua atitude peripatética, reflexiva e algo digressiva, diante de duas cidades, assim como as associações que elas propiciam. Tudo isso permeado pelo intuito irônico que desemboca na busca de salvação diante de um mundo algo caótico e enraizadamente injusto.

Para tanto, a autora se vale sobretudo das considerações de Marie-Claire Bancquart, como subsídio fundamental no estudo de Anatole France, contemplando um leque mais variado no que tange a Lima Barreto. Por uma questão de organização do trabalho, e no intuito de ajudar seu leitor, a autora nos oferece paráfrases dos textos analisados, o que se justifica, pelo fato de estar perseguindo, nos escritos estudados, os tópicos elencados.

As análises, que são minudentes, levantam questões importantes e apontam sempre para o lado humanista, contestatário e pouco “formalista” dos autores. Um de seus momentos altos está na página 119, quando a autora afirma que a grande História realmente entra na pequena história ficcional das personagens, num amálgama que aponta para fora da obra, ao mesmo tempo que se gesta a partir da interiorização, em nível textual, dos grandes conflitos que a época oferecia aos olhos algo espantados das personagens.

O fato de apresentarem pontos em comum não deixa de ser uma relação criativa, por parte do autor brasileiro, conforme Milene mostra, na página 229, ao nos indicar que a filiação de Lima Barreto a um certo Anatole France pode, outrossim, ser vista como uma “provocação do escritor, na medida em que desfigura (e reconfigura) a influência desse autor”. Na verdade, como afirma Milene (p.41), Lima Barreto foi além de certa aura que cercava o escritor francês, tendo sabido “interpretar não somente o romancista como o crítico social e político.”

Não se pode deixar de consignar o fato auspicioso de que a autora buscou alicerçar seu trabalho interpretativo em sólida pesquisa histórica, a demonstrar que a época conturbada, tanto na França quanto aqui, trazia elementos de reflexão e revolta que os autores deveriam enfrentar, como de fato o fizeram. Assim, a fatura literária estudada não se confunde com o dado sócio-histórico, mas constitui uma das possíveis respostas artísticas à atmosfera reinante.

Outro dado digno de interesse é o aspecto urbano que se imiscui na produção dos dois autores, apresentando laivos de simbiose com a natureza e reforçando a

possibilidade de expressão de um mundo de dúvida, assombro e desencanto, ao sabor de cada narrativa.

Em decorrência desse desacordo com o mundo, sobressai a sátira presente em *L'île des Pingouins* e *Os Bruzundangas*, remetendo ao desejo de caricaturar o mundo, no intuito de revelar-lhe os contornos mais evidentes, sempre no sentido moralizador da crítica às estruturas sociais.

Para Anatole France, a ironia seria a fase final da desilusão, ao passo que para Lima Barreto, a dor diante do quadro social injusto provocaria a carga irônica que recai sobre as narrativas. De todo modo, como mostra a autora, o engajamento acaba por ser a tônica, “nas suas falhas e limitações”.

Paro por aqui, convidando o leitor a percorrer as páginas da tese e se inteirar de uma análise instigante, em que se mesclam de modo harmonioso a informação literária e histórica criteriosa e um enorme entusiasmo pelo tema tratado. Desse modo, o início do século XX, repleto de sobressaltos ideológicos com seus reflexos em manifestações artísticas fundamentais para o mundo moderno, encontra na comparação entre um autor francês e um brasileiro pontos em comum, respondendo, cada um à sua maneira, às inquietações intelectuais que só fizeram aumentar, no decorrer dos anos.